



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**INSTITUTO DE LETRAS**

**JÉSSICA FARIAS DOS SANTOS**

***THÉRÈSE ET ISABELLE: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE UMA OBRA  
DISSIDENTE***

**Salvador-BA**

**2022**

JÉSSICA FARIAS DOS SANTOS

***THÉRÈSE ET ISABELLE: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE UMA OBRA  
DISSIDENTE***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharela em Língua Moderna Estrangeira (Francês).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Bicalho

**Salvador-BA**

**2022**

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de apresentar uma tradução comentada das 21 primeiras páginas de *Thérèse et Isabelle* (2000), de Violette Leduc. De início, essa obra não seria publicada como um livro independente, pois era a primeira parte de *Ravages* (1955). O texto foi escrito entre no final da década de 1940, mas não viria a ser publicado, ainda sem as 21 primeiras páginas, antes de 1966. A fim de realizar uma tradução que se relacione com outras áreas das ciências humanas, busquei estudos teóricos que dialogam com obras de Violette Leduc e com este trabalho, de forma a compreender outros aspectos e áreas do conhecimento que permeiam seu percurso literário e trazem informações relevantes sobre sua escrita e obras, assim como de temas como gênero e sexualidade e tradução cultural. Nesse sentido, Baveye (2017), Deluca (2016), Frantz (2009) e Péron (2011) são algumas das estudiosas/teóricas escolhidas que trazem contribuições sobre *Thérèse et Isabelle* e sua autora. No que tange à análise da própria tradução, os estudos dos domínios da tradução cultural, tradução histórica e prática da tradução, tais como os trabalhos de Carneiro (2011), Pym (2017) e Venuti (2002) contribuem para pensar a prática tradutória e as escolhas tomadas. Saunders (2017), Butler (2003; 2008) e Collins (2017; 2020) foram escolhidas com o intuito de pensar a tradução de uma forma interseccional, relacionando-a às questões de gênero, feminismo e de lesbianidade e bissexualidade. Como resultados, trago uma tradução que implicou reflexão, acuidade epistemológica e, além disso, abordou os processos que atravessam a tradução de textos marcados por representação LGBTQIAP+, assim como à própria tradutora. Este trabalho deu origem a apresentações em seminários e congressos voltados para o tema e contribuiu com os estudos de tradução, principalmente pertinentes à representação de sexualidades não-normativas femininas e à interseccionalidade do tema, tomando para os Estudos de Tradução um lugar que pertence à comunidade LGBTQIAP+.

**Palavras-chave:** literatura LGBTQIAP+; Violette Leduc; *Thérèse et Isabelle*; tradução histórico-crítica; *Ravages*.

**Rachel:** *[laughs] Lovely. Now, tell me about the lily.*

**Luce:** *The lily means... The lily means 'I dare you to love me'.*

## 1 INTRODUÇÃO

A tradução de *Thérèse et Isabelle* surgiu de um lugar muito particular, de uma vontade de marcar no mundo não apenas a continuação do texto, mas de inscrever na tradução um lugar que me pertencia, ao qual eu pertencia. O texto não caiu em minhas mãos, ao contrário, houve um esforço voluntário de buscar uma obra que pudesse contribuir para a minha própria existência e para a continuidade de meus estudos em língua francesa.

De início, nessa busca, me deparei com diversos textos que me desagradaram, que me deixaram desconfortável no meu próprio espaço. Foram diversos textos com representações bissexuais/lésbicas reiterando os estereótipos já conhecidos: disparidade de idade entre o casal, relações incestuosas e outras. Assim como na aleatoriedade de uma busca no Google às 4h da manhã, *Thérèse et Isabelle* apareceu em um vídeo sobre livros sáficos<sup>1</sup> franceses/francófonos<sup>2</sup>. Desde a primeira leitura, percebi que havia uma história a ser continuada através da tradução, uma história que foi censurada, recortada, negada (GOMES, 2017; BAVEYE, 2017; PÉRON, 2011) – assim como a existência de muitas jovens lésbicas/bissexuais.

*Thérèse et Isabelle* é um livro sobre duas jovens de um internato na França; Thérèse odeia Isabelle em todos os seus jeitos: na forma de pentear o cabelo, de liderar um grupo de garotas, até mesmo na forma de contar pequenas mentiras. Ela tenta negar que existe em si mesma um sentimento contrário ao ódio. Diversas garotas que tiveram as primeiras suspeitas sobre a sexualidade não-normativa podem se identificar com o texto, porque ele traz contextos que podem ser comuns: o medo, o ódio do desconhecido, a covardia diante do que as tira do eixo. Talvez daí a necessidade de traduzir um texto que abarque as realidades pessoais dissidentes, e a fuga à norma. *Thérèse et Isabelle* é uma tradução de um lugar pessoal, mas compartilhado.

Sua autora, Violette Leduc, nascida em Arras, França, em abril de 1907, era a filha bastarda de uma família da alta burguesia de Valenciennes. Durante sua trajetória literária, conheceu outras escritoras, como Colette, Simone de Beauvoir e Nathalie Sarraute, tornando-se um nome bastante conhecido no meio literário francês. Ela era/é considerada

---

<sup>1</sup> Sáfico/a é um termo que se refere à relação entre duas mulheres (que podem ser ambas lésbicas, ambas bissexuais ou uma lésbica e uma bissexual).

<sup>2</sup> Textos de expressão em língua francesa.

audaciosa e excêntrica por trazer em seus textos temas sexuais, principalmente sobre o desejo da mulher e sua sexualidade.

Inicialmente, *Thérèse et Isabelle* correspondia à primeira parte de *Ravages* (1955), cuja proposta era narrar três histórias de amor de Thérèse (DELUCA, 2017), porém não foi publicado devido às influências de patronagem<sup>3</sup> (CARNEIRO, 2011), sobretudo dos sujeitos e instituições envolvidos no processo editorial, que acreditavam ser um texto impróprio ao público e à época (BAVEYE, 2017). A representação da relação amorosa das duas jovens internas pode ter sido um dos motivos que influenciou a censura do texto de Leduc (GOMES, 2017).

As jovens passam três dias e três noites na companhia uma da outra: é nos braços de Isabelle que Thérèse se descobre e é descoberta. A sexualidade e o relacionamento entre elas são os aspectos principais da obra de Leduc: é por onde circula o afeto, nos quais a poesia e os arcos em que a liberdade de existir são fixados. Em dado momento, o relacionamento delas é exposto e prontamente a mãe de Thérèse, assim como prometido, a retira do internato. A obra marca, também, o início da vida amorosa de Thérèse – tanto que Leduc (LEDUC, 2000) afirma que a construção da sua personagem foi comprometida em *Ravages* (1955) devido ao corte dessa história.

De acordo Baveye (2017, p. 66), para os participantes do processo de edição, “algumas passagens seriam impossíveis de publicar abertamente da forma que eram”<sup>4</sup>. Foram múltiplos os sujeitos responsáveis pela censura; fala-se em autocensura, censura editorial e de escritores próximos à autora. Sobre *Thérèse et Isabelle*, há uma carta de Simone Beauvoir a Nelson Algren, datada de 19 de outubro de 1949, na qual ela explica que

Há páginas excelentes, ela [Leduc] sabe escrever em alguns momentos, mas publicar isso é impossível. É uma história de sexualidade lésbica tão crua quanto Genet. Ela descreve detalhadamente como uma garota deflora outra, e o que ela faz com os dedos, o que escorre no sexo da outra, um monte de atrocidades que elas inventam juntas com sangue, urina, e assim por diante, que enojaram um pouco até mesmo a mim, então como um leitor médio reagiria? (BEAUVOIR, 2018, p. 142)<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Para Lefevre, o sistema literário se organiza entre os fatores internos e externos a ele. Nos internos, teríamos os envolvidos no processo editorial; nos externos, encontramos as instituições que têm poder/influência para “promover ou obstruir a leitura” (CARNEIRO, 2011).

<sup>4</sup> “Some passages would be impossible to publish openly as they were then”. São nossas todas as traduções do francês e do inglês para o português em que os tradutores não forem mencionados.

<sup>5</sup> “Il y a des pages excellentes, elle sait écrire par instants, mais quant à publier ça, impossible. C’est une histoire de sexualité lesbienne aussi crue que du Genet. Elle décrit par le menu comment une fille en dépuce une autre, et ce qu’elle fait avec ses doigts, et ce qui en découle dans le sexe de l’autre, un tas de tripatouillages atroces qu’ensemble elles inventent avec du sang, de l’urine et ainsi de suite, qui même moi m’ont légèrement dégoutée, alors comment le lecteur Moyen réagirait-il ?” (BEAUVOIR, 2018, p. 142).

Portanto, devido aos fatores internos e externos que influenciaram o processo de criação-publicação-divulgação do livro, *Ravages* veio a público em 1955 sem sua primeira parte – e não gozou do sucesso que esperavam<sup>6</sup>. Em 1966, a editora Gallimard publicou uma edição apenas de *Thérèse et Isabelle*, mas sem as 21 páginas iniciais nas quais constava o processo de descoberta dos sentimentos das jovens. E, assim, mais uma vez, o romance das jovens foi entrecortado.

No Brasil, essa edição foi traduzida por Maria Lúcia Machado e publicada pela Editora Brasiliense em 1985<sup>7</sup> e tem, evidentemente, um papel fundamental para a continuidade da obra de Violette Leduc, pois, como afirma Benjamin (2008 apud BRANCO, p. 68), “a tradução é posterior ao original e assinala, no caso de obras importantes, que jamais encontraram à época de sua criação seu tradutor de eleição, o estágio da continuação de sua vida”. Maria Lúcia Machado desempenhou um papel fundamental para a tradução, tornando-se uma das agentes fundamentais na criação da fronteira entre o francês e o português<sup>8</sup>, ao tornar a obra acessível aos leitores brasileiros/lusófonos.

Além disso, há um outro fator importante para compreendermos *Teresa e Isabel* (1985): sua data de publicação. Embora no site da Editora Brasiliense conste que a obra foi publicada em 1999, um ano antes da edição integral do livro em língua francesa, na contracapa do livro, na Biblioteca Nacional e na Câmara Brasileira de Livros consta publicação em 1985. Na CBL, encontra-se que o ISBN da obra foi atribuído em 1970, ou seja, em plena ditadura militar. Suponho, com base nessas informações, que *se* o ISBN foi atribuído em 1970, muito provavelmente a tradução foi deixada no prelo até que fosse possível publicá-la.

Posteriormente, em 2000, através da influência do biógrafo de Violette Leduc, houve uma publicação integral de *Thérèse et Isabelle* pela editora Gallimard, na qual constam as 21 primeiras páginas que não foram inseridas na edição dos anos 1966. Carlo Jansiti escreveu o posfácio e as notas de rodapé do livro, explicando modificações e a história de censura da obra. É nessa edição, fazendo o recorte para as 21 primeiras páginas, que se baseia a tradução proposta para este trabalho. Não houve até o momento, no entanto, uma edição completa de

---

<sup>6</sup> Autores como Jansiti, Baveye e outros atribuem a falta de sucesso à censura de *Thérèse et Isabelle*.

<sup>7</sup> A Editora Brasiliense tem marcada em sua história a luta contra a ditadura no Brasil. No período de ditadura militar (1964-1985), resistiu à censura e manteve certa recorrência de publicação. De acordo com Lemos (2014, p. 190), “Ela chegou, em 1985, não só como a segunda maior editora do país, como já foi mencionado, mas também como a maior em número de vendas em São Paulo com três milhões de exemplares vendidos”. Portanto, o sucesso da editora e sua trajetória progressista (cf. LEMOS, 2014) provavelmente contribuíram para que uma obra dissidente fosse publicada em pleno fim de ditadura militar no Brasil.

<sup>8</sup> Infelizmente, pouco se encontra sobre ela nos motores de pesquisa, mas através dos sites das editoras em que trabalhou, sabemos que se formou em filosofia e trabalhou para a Editora Brasiliense antes de se tornar tradutora em tempo integral na Companhia das Letras. Dentre as obras que traduziu do francês para o português, estão: *História da Revolução Francesa* (1989), *O Luxo Eterno* (2005) e as *Damas do Século XII* (2013).

*Ravages* que trouxesse as três histórias de amor de Thérèse tal como foi concebido por Leduc.

A fim de pensar na tradução por um viés metodológico interseccional, extrapolando a episteme presente na obra de Leduc (aquela, ainda, eurocentrada, branca, cisgênero), busquei diálogos com autoras/es que trazem essas questões em suas obras, com o intuito de fortalecer o processo tradutório e embasar as escolhas feitas em discussões internas e externas à obra. Trago essas questões principalmente na discussão teórica, mas essas referências serviram para que, ao traduzir, me atentasse às questões de gênero, tradução e sexualidades presentes no texto e em minha prática.

Neste trabalho, penso a interseccionalidade como uma práxis metodológica na qual os recortes e marcadores sociais não são analisados separadamente, não são excludentes. Ao contrário, relacionam-se e provêm mecanismos de compreensão do texto, das personagens, da época e do mundo que não se restringem à própria obra (COLLINS, 2017; 2020). A interseccionalidade é, portanto, uma ferramenta para compreensão de como o texto de Leduc foi concebido, escrito e traduzido – e está presente mesmo na minha própria tradução, pois não poderia ignorar que ao mesmo tempo que sou uma, também sou outra.

No que concerne à poética e aos elementos presentes no texto, recorri a Péron (2011)<sup>9</sup>, pois seus estudos contemplam as nuances da escrita de Leduc, debruçam-se sobre o campo lexical e da interpretação literária – acredito ser importante acrescentar essa dimensão que invade a tradução, permitindo compreender, traduzir e (re)apresentar o texto. Ainda nesse aspecto, Butler (2003), Lorde (2019) e Saunders (2017) são autoras às quais recorri para trabalhar a noção da heterossexualidade e a construção do sujeito, do desejo e do erotismo femininos.

Há uma lacuna nas outras teorias/teóricas, que não enfatizam as outras realidades lésbicas, principalmente as não-brancas e periféricas. O trabalho de Saunders (2017) se mostrou importante para este trabalho, pois me permitiu pensar na categorização da mulher não-heterossexual e descentralizar o debate do eixo Estados Unidos-França, assim como traçar uma relação interseccional de *Thérèse et Isabelle* e outras obras. Para Saunders (2017),

---

<sup>9</sup>Péron é reconhecida como uma das principais intelectuais que trabalham a obra de Violette Leduc, especialmente na perspectiva dos Estudos de Gênero. Formada em Letras Modernas e Filosofia pela Universidade Paris III/Sorbonne-Nouvelle, defendeu em 2017 uma tese, em seu segundo mestrado, sobre Violette Leduc e o sujeito descentrado. Participa do grupo “Violette Leduc” no *Instituto dos Textos e Manuscritos Modernos*, recorrendo como base teórica a intelectuais como Judith Butler, Monique Wittig, Jacques Derrida e George Perec.



a não-mulher seria a lésbica branca, europeia, cis; a não-humana seria a lésbica negra, periférica, trans.

A pesquisa que pretendo desenvolver inscreve-se nos Estudos da Tradução Cultural, em diálogo com os Estudos de Gênero, numa perspectiva de tradução enquanto espaço de luta contra a opressão. Concordo com Pfau (2012, p. 61) ao dizer que “as relações dentro da tradução cultural vão além de dimensões das assimetrias linguísticas, mas fazem principalmente parte de um jogo entrelaçado nas relações de poder”. Busquei, ao longo da tradução, comentar as escolhas tradutórias me ancorando nos Estudos de Tradução e nos Estudos de Gênero de forma interseccional, justamente para extrapolar as fronteiras linguísticas.

Proponho igualmente uma tradução com base nos pressupostos da Tradução Cultural, com vias a reafirmar no processo de tradução as questões que norteiam a obra e a pesquisa, isto é: as questões relacionadas à sexualidade das personagens, às circunstâncias que causaram a censura e às minhas intenções na tradução. Para descrever o processo de tradução, elaborei comentários considerando as escolhas tradutórias tomadas e as motivações que as conduziram. Para isso, dialoguei com Butler (2003), Carneiro (2011), Pym (2017) e Venuti (2002).

Um dos objetivos a que me propus é elaborar uma tradução que dialogue com o público leitor alvo, isto é, sobretudo interessados em conhecer obras não-normativas, que buscam obras dissidentes para reafirmação das próprias epistemes. Dessa forma, busquei trazer em meus comentários a explicação e reflexão de minhas escolhas, tendo em vista que acredito no texto como uma ponte de diálogo e como uma ação de existência e reafirmação político-social.

A escolha de traduzir as 21 primeiras páginas não publicadas *Thérèse et Isabelle* se deu por motivos múltiplos: por ter sido censurado, para pensar a representação das sexualidades femininas na literatura de língua francesa, assim como no eixo europeu dos anos 1950, pelo percurso pessoal que as personagens fazem para refletir sobre o desenvolvimento dos sentimentos. Neste trabalho, traduzi as páginas que foram omitidas da edição de 1966, para que ela possa ter sua continuidade garantida através da tradução. Além disso, acredito ser importante fazer conhecer a autora e sua obra aos leitores brasileiros.

Obras que representam as sexualidades femininas são fontes fundamentais para se (re)pensar as representações presentes na literatura, no cinema e nas artes em geral. Não

apenas esse aspecto pode ser estudado, mas também como o mercado editorial e o público recebem esse material, bem como as obras que as sucederam. Espero que essa tradução possa contribuir, de alguma forma, para que futuras pesquisas sobre o tema venham a surgir e que as sexualidades tomem seu lugar nos estudos de tradução, culturais e literários.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

De início, gostaria de enfatizar um aspecto que baseia este trabalho: no eixo literário francês dos anos 1950, uma obra literária escrita por uma mulher sobre o relacionamento de duas jovens foi censurada. Alguns autores discutem que a escrita e os temas abordados por Leduc se assemelha ao de outros autores que tiveram seus livros publicados e gozaram de algum sucesso (FRANTZ, 2016). *Ravages* (1955), no entanto, veio a público destituído de sua primeira parte – que só foi publicada em 1966 em *Thérèse et Isabelle*, mas ainda sem as 21 primeiras páginas<sup>10</sup>.

Uma das justificativas para a supressão da história de romance de Thérèse em *Ravages* foi a não aceitação do público. Assim como demonstrado por Beauvoir em sua carta anteriormente citada, houve um questionamento em relação ao que um leitor francês médio está acostumado, ao que seria considerado chocante ou que o enojaria. Desconsiderou-se, por exemplo, que a literatura e as representações podem causar diversos tipos de sentimentos nos leitores: o próprio nojo/desgosto indica que essa obra dialoga com seu leitor. Também se “trata ainda de como vários domínios sociais foram construídos como ‘baixos’ e ‘repulsivos’, com a emergência de uma concepção distintamente burguesa e asséptica do eu na cultura pós-renascentista européia” (HALL, 2009, p. 221).

Obras literárias que envolvem representações de sexualidades dissidentes ou não-normativas rompem com um jogo social e cultural em relação à estruturalidade e às próprias regras do jogo – e, no caso de *Thérèse et Isabelle* – com a própria patronagem. Enquanto participe do jogo literário, Violette Leduc mudou algumas dessas regras, descentralizou a estrutura e propôs uma experiência representativa diferente com *Ravages* (1955) e, conseqüentemente, com *Thérèse et Isabelle* (1966; 2000).

---

<sup>10</sup> Leduc as inseriu em outra obra, *La Bâtarde* (1964), com algumas supressões, mudanças de nome e de cenas (LEDUC, 2000). *La Bâtarde (A Bastarda)* foi traduzida por Marília Garcia e publicada no Brasil em julho de 2022, pela editora Bazar do Tempo.

Desde a escritura do livro, a autora rompe com os paradigmas existentes do que era esperado de uma escritora, possibilitando uma visão da sexualidade feminina diferente da que era considerada o centro à época. Inclusive, esse ímpeto desafiador fez com que, apesar de comparada a escritores homens publicados e que gozaram de prestígio literário por escrever o que escreviam, fosse tomada como uma escritora escandalosa e, no fim, ter uma parte de seu livro censurada.

Mesmo tendo sido barrada pela estruturalidade e centralidade do jogo, em alguma medida, ao apresentar, ao ser censurada e ao publicar seu livro, Leduc mudou as regras literárias à época, visto que propunha uma experiência representativa que rompia com muitas outras facetas do sistema. Primeiro, por se tratar de uma escritora não-heterossexual (provavelmente Leduc era bissexual<sup>11</sup>); segundo, por escrever um romance com representações lésbicas/bissexuais que incluem a sedução, o desejo, o primeiro beijo, a perda da virgindade sob a perspectiva feminina e com quase nenhum personagem masculino.

Uma vez que pensamos *Thérèse et Isabelle* como uma obra que rompe e representa, há um objeto dessa representação. Nele, vemos a mulher/adolescente lésbica/bissexual<sup>12</sup> como sujeito representado na obra de Leduc, esse sujeito que é duplamente negado, que foi marginalizado, excluído, fetichizado e menosprezado. Concordo com Péron (2011, p. 5) quando afirma que

enfim, essa mulher lésbica [/bissexual] na verdade representa todas as posições que desafiam o ponto de vista universal dominante. A análise não recai simplesmente na sexualidade. O desejo também tem um papel fundamental para contestar o status dominante da heterossexualidade.<sup>13</sup>

Convém dizer em que essa representação proposta por Leduc era audaciosa: não há, no texto, homens a quem o prazer das duas adolescentes se subordina; há o prazer arrepiante da descoberta, do conhecimento de si e da outra, sem dúvidas do que a potência do desejo pode causar; sem repulsas pelo medo do autoconhecimento. Ao contrário do que se espera de um romance erótico, Leduc imprimiu em seu texto as marcas de um romantismo que não

---

<sup>11</sup> De acordo com a correspondência de Simone de Beauvoir (2018). Para usar um termo guarda-chuva, poderíamos dizer que ela era *queer*.

<sup>12</sup> Neste trecho, uso a mulher/adolescente no singular, pois a representação proposta por Leduc não contempla as diversas formas de ser mulher, de estar mulher. Trata-se da representação de uma mulher branca, europeia, cis, de classe abastada. Isso não significa, no entanto, que essa categorização seja menos necessária de ser estudada. É preciso porém levar em consideração as nuances presentes nessa representação, para não tomá-la como algo universal e representativo de todas.

<sup>13</sup> “Enfin, ce sujet lesbien représente en réalité toutes les positions qui remettent en cause le point de vue universel dominant. L’analyse ne se pose pas simplement sur la sexualité. Le désir joue aussi un rôle fondamental dans la remise en question du statut dominant de l’hétérosexualité” (PERON, 2011, p. 5).

escondia a sexualidade de suas personagens e que não correspondia às expectativas do que era uma representação de um real vivido (PÉRON, 2011).

Além dessa diferente fruição, Leduc também subverteu o que se esperava de uma representação do feminino, ligada às coisas frágeis e, principalmente, à flora. Numa constante recorrência à natureza, ao natural, a autora implantou em sua obra elementos que não imprimiam a condição de anormal ou antinatural à relação existente entre as duas enamoradas. Ainda de acordo com Péron (2011, p. 7):

uma das coisas que mais impressiona em Violette Leduc talvez seja a importância da isotopia da natureza. Transgredindo os “reinados”, em uma mistura de animalidade, às vezes até de animosidade, de paisagens, vegetais, minerais, ela parece pintar um quadro novo, “fresco”, poderiam dizer, das mulheres. As imagens pré-concebidas do feminino são banidas e as metáforas emprestadas da natureza parecem florescer ao longo do texto.<sup>14</sup>

Uma vez mais se percebe que há diferentes nuances que permitiram que a obra de Leduc desafiasse o status quo da época, que transgredisse e que subvertesse as regras do jogo literário francês dos anos 1950. Inclusive, até mesmo da maré feminista que surgia à época – considerando sobretudo o choque e a repulsa que o texto de Leduc causava a Beauvoir (cf. correspondência de Beauvoir a Algren, 2018).

Em uma carta de Beauvoir a Nelson Algren, datada de 18 de agosto de 1954, percebe-se melhor essa relação jogo-regra-jogo em que Leduc se inseriu – e com a qual rompeu. Beauvoir escreveu: “Gallimard vai acabar publicando a mulher feia depois de tê-la feito cortar a parte que ela preferia, uma história de lésbicas muito entediante e muito crua, e outras cenas obscenas, de forma que ela só está parcialmente satisfeita; mas ela prefere isso do que não ser publicada”. (BEAUVOIR, 2018, p. 263).<sup>15</sup> E, assim, *Ravages* foi publicado em 1955 destituído de sua primeira parte, desprovido das almas de *Thérèse et Isabelle*.

É indigesto e doloroso para uma autora não-heterossexual ter seu texto despido de uma das partes que considera mais importantes, visto que se trata, também, de um texto que foi concebido através de sua própria vivência (LEDUC, 2000). Especula-se que Leduc tenha

---

<sup>14</sup> “Une des choses qui frappe le plus chez Violette Leduc, c’est peut-être l’importance de l’isotopie de la nature. Transgressant les « règnes », dans un mélange d’animalité, d’animosité même parfois, de paysages, de végétaux, de minéraux, elle semble peindre un tableau nouveau, « frais » pourrait-on dire, des femmes. Les images préconçues du féminin sont bannies et les réseaux métaphoriques empruntant au registre de la nature semblent fleurir au fil du texte” (PÉRON, 2011, p. 7).

<sup>15</sup> “Gallimard publiera en fin de compte la femme laide après lui avoir fait couper la partie qu’elle préférerait, une histoire de lesbiennes très ennuyeuse et très crue, et d’autres épisodes obscènes, si bien qu’elle n’est qu’à moitié satisfaite, mais elle préfère ça à n’être pas publiée du tout” (BEAUVOIR, 2018, p. 263).

sofrido bastante com a censura de seu texto, pois era uma parte fundamental para a construção de Thérèse e, conseqüentemente, para sua própria construção (BAVEYE, 2017).

De acordo com Gomes (2017, p. 61), “após a reunião com os editores da Gallimard, quando anunciaram a condição de censura para que *Ravages* fosse publicado, Leduc teve um colapso nervoso. Permaneceu internada, com poucos hiatos, de 1956 até 1958”. Bem provavelmente Leduc não sofreu apenas com a censura de sua obra, mas com a censura de sua própria existência, com a homofobia da sociedade e dos participantes internos e externos da concepção-publicação do livro. Os cortes e a censura causaram danos à saúde da autora, pois

ela [Leduc] sofria de colapsos mentais cada vez mais sérios e ansiedade e paranoia incapacitantes, pois seu trabalho era ignorado e diminuído na publicação, devido a costumes sociais e de propriedade. A linguagem empregada quando os críticos escrevem sobre seu trabalho em correspondências com editores ecoa de forma chocante a retórica da histeria e da deslegitimação paternalista da expressão criativa das mulheres (BAVEYE, 2017, p. 50)<sup>16</sup>

Além disso, Leduc recorreu ao erótico como uma forma de poder (LORDE, 2019), visto que em seu texto, assim como mencionei anteriormente, não há homens a quem o desejo de Thérèse e Isabelle esteja subordinado; elas são donas de seus corpos e seguem juntas nessa descoberta da sexualidade, do prazer e do afeto. Confesso que inicialmente me causou certo estranhamento, às vezes mesmo um pouco de timidez e vergonha, traduzir um texto que se propunha erótico, mas após a leitura de Lorde (2019), percebi que o erotismo – principalmente feito por e para as mulheres – tem papel fundamental na construção da sociedade e da *psiché* individual. Lorde (2019, p. 72) faz perceber e compreender que

fomos criadas para temer o *sim* dentro de nós, nossas mais profundas vontades. Mas uma vez reconhecido, aqueles que não melhoram nosso futuro perdem seu poder e podem ser mudados. O medo de nossos desejos os mantém suspeita e indiscriminadamente poderosos, pois suprimir qualquer verdade é dar a ela uma força além da resistência. O medo de que não podemos crescer além de quaisquer distorções que possamos achar em nós mesmas nos mantém dóceis e leais e obedientes, externamente definidas, e nos leva a aceitar muitas facetas da opressão que passamos enquanto mulheres.

Essa força erótica de que Lorde fala não se restringe à pulsão sexual, mas do que vem de dentro, essa força motriz capaz de mudar a sociedade – e que é tão frequentemente negada às mulheres. Ainda segundo a autora,

---

<sup>16</sup> She suffered from increasingly serious mental breakdowns and crippling anxiety and paranoia as her work was ignored and pared down in publication for reasons of social mores and propriety. The language that was used when critics write about her work or in her correspondence with editors shockingly echoes rhetoric of hysteria and of patronizing delegitimization of women’s creative expression.

quando falo do erótico, então, falo dele [do amor em todos os seus aspectos] como uma afirmação da força vital de mulheres; daquela energia criativa empoderada, cujo conhecimento e uso nós estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amar, nosso trabalho, nossas vidas (2019, p. 69).

O texto de Leduc se projeta, assim, como uma possibilidade de desenvolver esse erotismo através da leitura e da apropriação do próprio texto. O que afirma Hall sobre a concepção europeia burguesa pós-renascentista pode ser facilmente aplicado à recepção do eixo literário ao livro de Leduc. Uma teoria que mina as mulheres, que reconhece seus prazeres e suas vontades apenas pelo olhar masculino, que nega o direito à existência na literatura, por ela e para ela.

Ao mesmo tempo que impulsionou o conhecimento da obra, o erotismo nas obras de Leduc se propôs desafiador às normas, principalmente as de uma sociedade considerada asséptica e na qual mesmo as categorias mais progressistas consideravam indigesta e enojante a história de amor de duas jovens. E se justifica, uma vez mais, a tradução dessa obra: retomá-la, traduzi-la e apresentá-la a outro público em outro contexto faz abrir a obra a outras possibilidades de leitura, de aceitação ou de contraste.

Confesso que, por ser um trabalho pessoal e íntimo, ainda sinto receio em expor essa força erótica presente tanto no texto de Leduc quanto na tradução – através da qual esperava dar continuidade ao percurso da obra, por isso percebo uma vez mais o quanto realizar este trabalho mexeu com a concepção de sexualidade, erotismo e pertencimento ao mundo. É talvez um dos papéis que considero mais importantes na literatura: essa capacidade impulsionadora e transformadora de nos conhecermos.

E, embora essa obra de Leduc possa ser representativa e transformadora para muitas mulheres lésbicas/bissexuais, não é universalizante. É frequentemente comum vermos obras com mulheres lésbicas/bissexuais brancas, europeias e burguesas, mas não é essa a realidade das leitoras brasileiras – e, sobretudo, essa não é a realidade universal, pois mulheres são múltiplas e são múltiplas também suas realidades (BUTLER, 2003). As sujeitas da representação de Leduc são, ainda, consideradas universais por categorias da sociedade etnocêntricas e eurocêntricas, racistas e preconceituosas, em resumo, que negam a diversidade. Se as sujeitas de Leduc fossem outras, talvez não fossem consideradas apenas não-mulheres (WITTIG, 2016; SAUNDERS, 2017), e tenham sido censuradas e posteriormente publicadas – sua categoria seria de não-humanas, invisíveis e apagadas.

A obra de Leduc, suas sujeitas e a representação que propôs são exemplos para se (re)pensar a representação das sexualidades femininas dissidentes: são personagens independentes, que existem e desvendam seus segredos sem a necessidade de terceiros envolvidos. Os Estudos Literários e de Tradução podem servir como ferramentas para criar diálogos, reflexões e outras formas de trabalhar o texto, de forma a resguardar sua história ao passo que se imprime experiências e escolhas pessoais.

### **3 ANÁLISE E COMENTÁRIOS DA TRADUÇÃO**

Inicialmente, retomo aqui a ideia de que tradução não é apenas a mera transposição de uma língua para outra, mas também de outras informações que permeiam o idioma, a cultura e a representação. Dessa forma, na minha tradução busquei evitar ao máximo a tradução literal, por acreditar que aproximar o texto da leitora brasileira tornaria o trabalho mais pessoal – tanto por mim enquanto tradutora/leitora quanto pelas pessoas que terão acesso ao texto. E, portanto, discordo de certa forma de Benjamin (BRANCO, 2008), por acreditar que, apesar de a tradução não existir *em função* do leitor, é essencial pensar nele e levar em consideração suas características.

Na elaboração da tradução, me vi diante de algumas questões a serem refletidas para a tradução. Decidi, inicialmente, traduzir as notas feitas pelo biógrafo de Leduc, Carlo Jansiti, que trazem uma dimensão ainda maior do processo de escrita-censura-retomada pelo qual o romance de Thérèse passou, do contexto histórico e meios de produção. Encarei as notas de Jansiti como uma extensão do texto e as traduzi.

Em seguida, apresento alguns dos procedimentos e recursos empregados durante a tradução e que servem para analisá-la e comentá-la. De antemão, tratei sobretudo da formatação, de alterações e explicações; não será, no entanto, uma análise exaustiva, pois abordarei as escolhas mais importantes e que servem para explicar como se deu o processo tradutório. Para isso, recorro principalmente a Barbosa (2007) e Pym (2017) para justificar escolhas tradutórias e Butler (2003; 2008) e Saunders (2017) para dialogar com os estudos de gênero e sexualidade.

#### **3.1 Da formatação**

Em *Thérèse et Isabelle* há alguns diálogos que não são marcados por travessão; são falas que outras pessoas disseram a Thérèse. É o caso de um trecho logo na primeira página do livro<sup>17</sup>, quando ela repassa uma frase que sua mãe lhe disse. Escolhi colocar as falas indiretas em itálico; tanto para destacá-las quanto para retomar a ideia de que essas vozes, mesmo indiretas, são fundamentais para a construção da personagem e devem ser destacadas de alguma forma para que o leitor perceba outras nuances da construção da personagem. Uma vez escolhida essa formatação, a mantive em outros momentos do texto, em falas de outras personagens, como as da supervisora e da diretora.

### 3.2 As expressões em *Thérèse et Isabelle*

De acordo com Barbosa (2007, p. 67), “a equivalência consiste em substituir um segmento de texto da LO [língua original] por um outro segmento da LT [língua da tradução] que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente.” Optei por esse recurso ao traduzir certas expressões que não fariam tanto sentido em português quanto em francês. Por isso, considereei aproximar o texto do leitor lusófono, sobretudo brasileiro<sup>18</sup> (VENUTI, 2012).

Como exemplo, cito a passagem em que Thérèse estava muito nervosa com os toques e a aproximação de Isabelle. Ela diz que tinha *une pieuvre dans le ventre*<sup>19</sup>. Traduzindo literalmente, ela tinha um polvo na barriga. Péron (2011, p. 7) acredita que a escolha do animal *pieuvre* (polvo) não se deu à toa; para ela,

a escolha desse animal marinho demonstra o quanto o desejo atormenta as entranhas. [...]. Aqui, o desejo-polvo é algo que se espalha, se perde, puxa por dentro. É o que não para de se agitar e o que gostaríamos de acalmar, uma sensação desconhecida, uma outra presença, o intruso, escorregadio por dentro de si, incontrolável e, assim, assustador.<sup>20</sup>

Essa expressão poderia ser traduzida literalmente ou adicionada uma nota explicativa de rodapé. Em português temos a expressão *ter borboletas no estômago*, que abrange satisfatoriamente a emoção sentida por Thérèse. No entanto, para aproveitar esse esquema

---

<sup>17</sup> “Meu futuro não se parece com o delas. Não tenho futuro no internato. Minha mãe me disse isso. *Se eu sentir muita saudade, vou te buscar.*”

<sup>18</sup> Não se pode dizer que é uma tradução domesticadora, pois não é esse o objetivo.

<sup>19</sup> “J’ai peur : j’ai une pieuvre dans le ventre.”

<sup>20</sup> “Le choix de cet animal marin montre à quel point le désir travaille les entrailles. [...]. Ici, le désir-pieuvre est quelque chose qui s’étale, qui s’égaré, qui tiraille de l’intérieur. C’est ce qui ne cesse de s’agiter et que l’on voudrait apaiser, une sensation étrangère, une présence autre, l’intrus, glissé à l’intérieur de soi, incontrôlable et par conséquent effrayant.



lexical escolhido por Leduc, preferi a explicação à alteração, traduzindo a expressão e explicando-a em nota.

### **3.3 *Thérèse et Isabelle e a sapataria***

Logo na primeira página do livro, Thérèse e Isabelle se encontram em uma sala reservada aos sapatos dentro do internato; é o momento em que as alunas retornam da visita na casa dos parentes e se preparam para adentrar o internato.

Ao buscar possibilidades que pudessem se referir a *uma sala na qual os sapatos eram guardados*, pensei na palavra *sapataria* e optei por ela, fazendo um singelo jogo de palavras. Muitas mulheres lésbicas são chamadas de sapatão/sapatona de forma pejorativa, principalmente aquelas de expressão de gênero não feminina (BUTLER, 2003). Resolvi, portanto, me apropriar da palavra a fim de reivindicá-la e projetar um outro sentido<sup>21</sup>, dialogando com o trabalho de Saunders (2017).

Conceber a tradução como um espaço de retomada, de recriação e de possibilidades me permitiu estabelecer esse diálogo e apresentar uma abordagem metodológica interseccional da tradução. Pude levar em consideração vivências pessoais e de pessoas próximas, relatos na internet e a contribuição de muitas artistas, escritoras e transformadoras culturais sapatonas e bissexuais.

Em outro momento, a autora recorre à imagem dos sapatos para continuar o texto. Thérèse troca seus sapatos de salto por *chaussons*, sapatos usados normalmente em casa, a fim de manter os pés quentes. Na tradução, escolhi *sapatilhas*, para continuar me apropriando do léxico sobre mulheres lésbicas. Na comunidade LGBTQIAP+<sup>22</sup>, as *sapatilhas* são lésbicas de expressão de gênero feminina.

### **3.4 Explicação**

De acordo com Pym (2017), a explicação, por sua vez, é um procedimento no qual se oferecem informações que estão apenas implícitas no texto de partida. É o caso, por exemplo, da escolha de tradução de *notes piquées*. Explico: em francês, as *notes piquées* se referem ao

---

<sup>21</sup> Apesar dessa vontade de projeção, gostaria de deixar marcado que a palavra sapatão/sapatona se refere sobretudo às mulheres lésbicas que não performam feminilidade, contrariamente às personagens do livro traduzido.

<sup>22</sup> Sigla que representa a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e pansexuais.

staccato – uma acentuação musical que designa a suspensão necessária entre as notas. No contexto da frase<sup>23</sup>, indicava que as notas musicais feitas pelos beijos de Isabelle em Thérèse seguiam um ritmo preciso, musical, próprio do staccato.

No entanto, em francês familiar, a palavra *piqué* significa *roubado*, podendo, portanto, ser duplamente interpretada: ora pela cadência e ritmo precisos, ora pela ideia de um beijo roubado. Como não encontrei em português uma solução que abarcasse ambos os sentidos e que me satisfizesse, optei por traduzir como *notas roubadas* e colocar a remissão em francês e a explicação de minha escolha como nota da tradutora.

Em outro momento, Leduc recorre novamente aos lexemas do mundo marinho e do mundo celeste (PÉRON, 2011), quando Thérèse *écoute près du ventre le nuage dans le coquillage*. Ela ouve esse barulho ao pensar em Isabelle vestindo sua camisola, inerte como uma esfinge. *Le coquillage*, isto é, a *concha* representa a fecundidade e o erotismo, de acordo com o mito do nascimento de Afrodite. *Le nuage*, por sua vez, representaria a natureza confusa, indefinida, metamórfica.

Pode se tratar de uma metáfora para o início da descoberta dos sentimentos de Thérèse por Isabelle. Ela ouviu, perto de seu ventre, o som da metamorfose dentro do símbolo de sua fecundidade. É o som inicial de que algo está se transformando. Nesse caso, preferi fazer uma tradução que se aproximasse mais do original e acrescentei explicações possíveis quanto à escolha da expressão/frase.

### 3.5 Generalização

Para Pym (2017), a generalização é o procedimento utilizado ao trocar um termo mais específico por outro mais geral. Empreguei essa estratégia ao traduzir *box* por *cômodo*. No texto de partida, *box* se refere aos espaços das internas, onde normalmente há uma cama, um armário e uma penteadeira. Para dar um caráter mais individual, optei por traduzir como *cômodo*.

Assim como no exemplo anterior, usei o mesmo critério ao traduzir *gans de toilette* por *toalha de lavabo*. Na França, é comum ver luvas de banho nas casas e é culturalmente muito marcado. Pensando no público leitor, optei por generalizar o objeto e transformá-lo em talha de lavabo, que é mais comum na cultura brasileira.

---

<sup>23</sup> Elle traçait un cercle autour de ma bouche, elle encerclait le trouble, elle mettait un baiser frais dans chaque coin, elle déposait deux notes piquées, elle revenait, elle hivernait.

### 3.6 Escolhas outras

Havia a possibilidade de dar ao texto um tom mais informal, usando o sujeito *a gente*<sup>24</sup> em português no lugar de “nós”, mas escolhi o “nós” por dar um caráter mais pessoal, para tirar a impessoalidade que às vezes a informalidade nos traz. O “nós” traz em si essa cumplicidade, a noção plural, o conjunto que, talvez, a impessoalidade do *a gente* não seria capaz de marcar.

Isabelle e Thérèse se tratam por *vous* ao longo do texto e, às vezes, é difícil marcar essa diferenciação cultural entre o português e o francês. Em francês, o tratamento por *vous* é mais formal, geracional e distante. Nesse caso, trouxe para uma realidade que me é familiar: minha mãe, nascida no interior da Bahia, usa o *você* comigo e o *tu* com as pessoas da família que cresceram no mesmo lugar que ela. Fiz a mesma coisa com Thérèse e Isabelle: entre elas e as pessoas do internato, se tratam por *você*. Com sua mãe e pessoas externas, usa o *tu*.

Em algumas passagens, optei pela redução (PYM, 2017) – principalmente de advérbios –, para dar mais fluidez ao texto traduzido. São diversos os exemplos, mas trago aqui somente uma frase que se encontra logo no início do texto, quando Thérèse começa a divagar sobre a possibilidade de ser retirada do internato. No francês, encontramos que *Ce n'est pas Marthe qui sera rappelée... Ce n'est pas Julienne qui sera rappelée... Ce n'est pas Isabelle qui sera rappelée...* Para dar mais cadência ao texto, optei por traduzir como *Não é Martha quem será chamada, nem Julienne, nem Isabelle...*

Um desafio encontrado na tradução foi a acomodação do tempo verbal nas frases. Por se tratar de uma digressão de Isabelle, lembrando sua juventude no internato, algumas frases vinham no presente histórico e outras, no passado. Para harmonizar o texto, escolhi deixá-las sempre no passado quando se trata de lembranças, pois seria mais condizente com o texto, e no presente quando se trata de falas das personagens (como uma forma de resguardar no presente os momentos em que conversavam e estavam juntas).

Por fim, um último exemplo que gostaria de destacar é a tradução de *laissez-vous faire* por *se permita ser*. Isabelle fala isso a Thérèse no momento em que elas estão começando a se relacionar de forma mais profunda; Isabelle começa a ajudar uma Thérèse tímida e um pouco resistente a se permitir ser, se deixar levar, deixar acontecer. Dentre as opções, escolhi *se permitir ser*, pois emite essa ideia de se conceder esse sentimento e não ter medo de assumi-lo: o de ter a liberdade e de escolher ser.

---

<sup>24</sup> Embora não reconhecido por muitos gramáticos, o uso do *a gente* enquanto sujeito já está bastante difundido, não havendo por que, senão conservadorismo, renegar seu uso. A escolha, aqui, é outra.

#### 4 THÉRÈSE ET ISABELLE: UMA TRADUÇÃO COMENTADA

Nossa semana começava aos domingos à noite, na sapataria<sup>25</sup>. Engraxávamos os sapatos que haviam sido limpos pela manhã na cozinha ou então no jardim de nossa família. Vínhamos da cidade: estávamos em fome. Evitávamos o refeitório até segunda pela manhã, dávamos algumas voltas no pátio, íamos à sapataria, de duas em duas, com a supervisora entediada. A sapataria do internato não se parecia com as lojas onde o prego, a forma, o martelo nos levavam a colocar os pés no chão. Engraxávamos em uma capela monótona, sem janelas, mal iluminadas; sentadas, com os sapatos sobre os joelhos, sonhávamos com as noites de volta às aulas. O cheiro virtuoso da graxa que normalmente nos fortalece nas drogarias nos assolava. Definhávamos nas flanelas, hesitávamos... tínhamos perdido nossas asas. Sentada no banco como nós, a nova supervisora lia e continuava a história fora da cidade, fora do internato, enquanto despretensiosamente alisávamos o couro com a lâ. Nessa noite, éramos dez regressas pálidas em uma luz de sala de espera, dez regressas que não se falavam, dez garotas mal-humoradas que se pareciam, que fugiam.

Meu futuro não se parece com o delas. Não tenho futuro no internato. Minha mãe me disse isso. *Se eu sentir muita saudade, vou te buscar*. O internato não é um navio para as outras internas. Ela pode me buscar de uma hora para outra. Sou uma passageira. Ela pode me tirar do internato em um dia de volta às aulas ou esta noite. Trinta dias. Faz trinta dias que estou de passagem neste internato. Quero viver aqui, quero engraxar meus sapatos na sapataria. Não é Martha quem será chamada, nem Julienne, nem Isabelle...<sup>26</sup> Elas têm certeza sobre seu futuro, mas eu posso apostar que Isabelle cospe no internato ao cuspir em seu sapato. Minha graxa seria menos espessa se cuspsse como ela. Eu poderia expor Isabelle. Ela tem sorte. Seus pais são professores. Quem poderia tirá-la do internato? Ela cospe. Talvez ela esteja zangada, a melhor aluna do internato... Cuspo como ela, molho minha graxa, mas onde estarei daqui a um mês? Sou a aluna ruim, a pior do grande dormitório. Isso não faz diferença para mim. Detesto a diretora, *cospe minha filha, cospe na graxa*, detesto a costura, a

---

<sup>25</sup> N.E.: Esta passagem corresponde ao terceiro capítulo de *A Bastarda*: “Nossa semana começava aos domingos à noite, na sala de sapatos depois de nossa longa saída.” O início de *Thérèse et Isabelle* foi inserido no primeiro livro autobiográfico. Exceto algumas inserções, a autora fez principalmente um trabalho de poda, visando a encobrir qualquer crueza.

N.T.: Escolhi traduzir “*coordonnerie*” por “sapataria” para poder fazer um jogo de palavras com a palavra “sapatão/sapatona” em português; uma forma pejorativa de falar de mulheres lésbicas, que é reivindicada e que tomou uma outra concepção.

<sup>26</sup> N.E.: Isabelle era o verdadeiro nome da amante de Violette Leduc no colégio de Douai.

educação física, a química, detesto tudo e fujo de minhas colegas. É triste, mas não quero ir embora daqui. Minha mãe se casou, ela me enganou.

A escova caiu de meus joelhos, e Isabelle chutou a escova cintilando enquanto eu remoía.

– Minha escova, minha escova!

Isabelle abaixa a cabeça, cospe mais forte no couro de bezerro. A escova cai nos pés da supervisora. *Você me pagará por isso.* Pego o objeto, derramo no rosto de Isabelle, enfio meus dedos e o pano sujos de graxa, de poeira e do creme vermelho em seus olhos, em sua boca, observando sua pele leitosa no decote de seu uniforme, tiro depois minha mão de seu rosto e volto ao meu lugar. Furiosa e silenciosa, Isabelle limpa os olhos e os lábios, cospe mais uma vez no sapato, levanta os ombros; a supervisora fecha o livro, bate palmas; a luz sobressalta. Isabelle começa a lustrar de novo o sapato.

Nós a esperávamos. Ela cruzava as pernas, esfregava. *Venha*, lhe diz timidamente a nova supervisora. Tínhamos entrado na sapataria com sapatos de saltos barulhentos, mas partíamos para o esquecimento com sapatilhas pretas de falsas órfãs. A pantufa, parente próxima da alpargata, sente em que pisa: a pedra, a madeira, a terra. Anjos nos davam seus sapatos de salto quando saíamos da sapataria com uma tristeza acolhedora que descia de nossas almas às nossas sapatilhas. A cada domingo subíamos para o dormitório com a supervisora ao nosso lado, respirávamos ao longo do caminho o cheiro de rosas do desinfetante. Isabelle nos alcançou na escada. Eu a odeio, quero detestá-la. Estaria aliviada se a detestasse ainda mais. Amanhã, ainda a verei na minha mesa do refeitório. Ela lidera. Lidera a mesa onde como no refeitório. Não poderei mudar de mesa. Seu risinho de canto quando chego atrasada... Arranquei esse risinho. Essa audácia natural... também vou arrancar. Irei na diretoria se for preciso, mas mudarei de mesa no refeitório.

Entramos em um dormitório onde a escuridão brilhante da lamparina previa a solidão do corredor à meia-noite. Levantamos nossa cortina de percal, estávamos no nosso quarto sem fechadura, sem paredes. Isabelle deslizou os anéis da cortina uns depois dos outros no varão, a sentinela caminhava pelo corredor. Abrimos nossas malas, tiramos nossa roupa de baixo, a guardamos na prateleira do armário, guardamos os lençóis para nossa cama de solteiro, jogamos a chave na mala que tínhamos fechado por oito dias, e a colocamos também no móvel, fizemos nossa cama. Nossos objetos à luz municipal não nos pertenciam. Tiramos

nosso uniforme, nós o penduramos em um cabide para a caminhada de quinta, dobramos nossas calcinhas, as colocamos na cadeira, desabotoamos nossos roupões.

Isabelle saiu do dormitório com sua jarra de água.

Escuto o atrito do pingente de seu cordão na lamparina. Ouço as batidas de seus dedos no esmalte. Seu cômodo fica em frente ao meu. Vejo isso à minha frente. Suas idas e vindas. Eu as espreito. *Você se embriagou? Bebeu bastante?* É o que ela me pergunta quando chego atrasada no refeitório. Vou arrancar esse sorrisinho zombeteiro. *Não me embriaguei.* Estudei os arpejos diminutos. Ela zomba porque me tranco na sala de música. Diz que faço barulhos, que pode me ouvir da sala de estudos. É verdade: estudo, mas não é só barulho. Ela de novo, sempre ela, mais uma vez ela no corredor. Esbarro nela. Teria tirado a roupa devagar se soubesse que ela pegaria água da torneira. Fujo? Volto aqui quando ela for embora? Não fugirei. Ela não me dá medo: eu a detesto. Ela vira as costas. Que indolência... Ela sabe que há alguém atrás dela, mas não se apressa. Poderia apostar que ela me desafiaria se soubesse que sou eu, mas não sabe. Não tem nem mesmo a curiosidade de saber quem está atrás dela. Eu não teria vindo se tivesse previsto sua lerdeza. Achava que ela estava longe: mas estava perto de mim. Sua jarra ficará cheia logo. Enfim. Conheço seus longos cabelos soltos, não eram novidade, já que se exibia com eles pelo corredor. *Me desculpe.* Ela me pediu desculpa. Seus cabelos tocaram meu rosto enquanto eu pensava neles. Isso vai além da imaginação. Ela jogou seus cabelos para que tocassem meu rosto. Havia um tufo de cabelo em meus lábios. Ela não sabia que eu estava atrás dela e jogou os cabelos em meu rosto. Não sabia que era eu quem estava atrás dela e me pediu desculpas. É inacreditável. Ela não diria *a fiz esperar, sou lenta, a torneira não funciona.* Ela joga seu cabelo enquanto pede desculpas. A água escorre mais devagar. Ela tocou a torneira. Não vou falar com você, a água quase não escorre, e você não terá uma única palavra de mim. Você me ignora, eu a ignoro. Por que você quer que eu aguarde? É isso o que você está esperando? Não falarei com você. Se você está com tempo, pois também estou.

Do corredor, a supervisora nos chamou como se fôssemos duas cúmplices. Isabelle saiu.

Ouvi que ela mentia e que explicava à nova supervisora que tinha faltado água.

A supervisora fala com ela através da cortina de percal: *você tem dezoito anos? Temos quase a mesma idade.* O apito de um trem saindo da estação que deixamos às sete horas cortou o que diziam. Isabelle ensaboa sua pele. *Você encheu a cara? Bebeu bastante?* O

que será que ela esconde? Ela tem alguma coisa em mente. Ela sonha ou então cospe; sonha e trabalha melhor do que as outras.

– E você, que idade tem? – me perguntou a nova supervisora.

Isabelle saberá minha idade.

– Dezesete, digo entredentes.

– Vocês estão na mesma sala? Pergunta a supervisora.

– Sim, na mesma sala, responde Isabelle enquanto enxagua sua toalha de lavabo com entusiasmo.

– Ela está mentindo, grito – você não está vendo que ela está zombando de você? Não estou na mesma turma que ela e não ligo.

– Se comporte – me diz a supervisora.

Entreabri minha cortina: a supervisora se distanciava, retomava sua leitura no corredor. Isabelle ria em seu cômodo e uma aluna traficava com as embalagens de seus doces.

– Tenho ordens estritas, murmura a supervisora. Sem visitas nos cômodos. Cada uma em seu canto.

Estávamos sempre à mercê de uma inspeção noturna da diretora. Conferíamos nosso armário, nossas escova de unhas, nossa bacia; deitávamo-nos na cama anônima de uma enfermaria. Assim que acabávamos nossa higiene noturna e a organização, apresentávamo-nos deitadas e limpinhas à supervisora. Algumas alunas lhe ofereciam doces, prendiam-na com banalidades lisonjeiras enquanto Isabelle se esgueirava de sua tumba. Esquecia-me de Isabelle assim que me aconchegava na cama fria, mas se acordasse, a procurava para odiá-la. Ela não sonhava em voz alta, seu estrado não rangia. Uma noite, levantei-me às duas horas, tinha atravessado o corredor, prendido a respiração, e escutei seu sono. Ela saiu. Zombava de mim até em sonhos. Tinha fechado a cortina, mas ainda escutei. Ela não estava lá, mas tinha a última palavra. Eu a detestava entre sono e vigia: ao bater dos sinos das seis e meia da manhã, no timbre grave de sua voz, no barulho e na vazão da água do banho, em sua mão que fechava o tubo de pasta de dente. *Só se ouve ela*, eu me dizia com teimosia. Detestava a poeira de seu quarto quando ela arrastava a pá sob minha cortina, quando batia na divisória, quando enfiava o punho no percal de sua cortina. Ela falava pouco, fazia movimentos ensaiados no dormitório, no refeitório, nas filas: ela se abrigava e refletia no pátio. Eu tentava descobrir de onde vinha sua arrogância. Era estudiosa sem zelo e sem

complacência. Isabelle desamarrava frequentemente a alça do meu avental, bancava a hipócrita se eu me virava, começava o dia por essa provocação de garotinha e logo amarrava de novo a alça nas minhas costas, humilhando-me duas vezes ao invés de apenas uma.

Levantei-me no silêncio de uma contrabandista. A nova supervisora parou de limpar as unhas. Eu esperava. Isabelle, que não tossia, tossiu: essa noite ela estava acordada. Ignorei sua presença, enfiei meu braço até o ombro em uma bolsa de tecido melancólico pendurada no armário. Escondia livros e minha lanterna dentro do cesto de roupa suja. Eu lia à noite. Nessa noite, deitei-me com o livro e a lanterna sem ânsia de leitura. Acendi, fitei minhas pantufas sob a cadeira. A claridade da lua artificial que vinha do quarto da supervisora deixava os objetos do meu cômodo opacos.

Apaguei, uma aluna amassou papéis, repousei o livro com uma mão desiludida. *Mais tesa que uma esfinge*, disse a mim mesma, porque imaginava Isabelle inerte em sua camisola. O livro se fechou, a lanterna se afundou no edredom. Uni as mãos e rezava sem palavras, pedia por um mundo que desconhecia, escutei perto do ventre o som de uma nuvem presa na concha<sup>27</sup>. A supervisora apagou sua luz também. A sortuda dorme, a sortuda tem uma tumba na qual se perdeu. O tique-taque lúcido de meu relógio de pulso na mesa de cabeceira me fez decidir. Retomei a leitura, li sob o lençol.

Alguém espionava por trás de minha cortina. Escondida sob o lençol, ouvia ainda o tique-taque impiedoso. Um trem da noite deixou a estação atrás do assovio monstruoso que rompia a escuridão vinda de fora do internato. Eu tornava a jogar o lençol e tive medo do dormitório pacato.

Chamaram por trás da cortina de percal.

Eu me fingia de morta. Recobri minha cabeça com o lençol. Acendi a lanterna.

– Thérèse<sup>28</sup>, chamaram no meu cômodo.

Apaguei a luz.

– O que você está fazendo sob os lençóis? Perguntou a voz que eu não reconhecia.

– Lendo.

---

<sup>27</sup> N.T.: Thérèse ouve o som da nuvem ao pensar em Isabelle vestindo sua camisola, inerte como uma esfinge. De acordo com a simbologia, a concha representa a fecundidade, o erotismo; a nuvem, por sua vez, representa a natureza confusa, a metamorfose. Trata-se, talvez, de uma metáfora para o início da descoberta dos sentimentos de Thérèse por Isabelle.

<sup>28</sup> N.E.: Primeiro nome da autora inscrito no registro civil.



Arrancam o lençol, puxaram meus cabelos.

– Eu disse que estava lendo!

– Mais baixo, diz Isabelle.

Uma aluna tossiu.

– Você pode me denunciar se quiser.

Ela não me denunciará. Perturbo ela e sei que a perturbo dizendo isso.

– Você não está dormindo? Achei que era a maior dorminhoca do dormitório.

– Mais baixo, diz ela.

Eu sussurrava muito alto, queria acabar com a alegria: me exaltava até o orgulho.

De visita, Isabelle não deixava minha cortina de percal. Eu duvidava de sua timidez, de seus longos cabelos soltos em meu cômodo.

– Tenho medo de que você me responda não. Diga que vai responder sim, ofegou Isabelle.

Eu tinha acendido minha lanterna, apesar de mim, tinha tido consideração pela visitante.

– Diga sim! Sussurrou Isabelle.

Ela se apoiava com um dedo na penteadeira.

Apertou o cordão e cruzou os punhos do roupão. Seus cabelos caíam em suas bochechas, seu rosto envelhecia.

– O que você está lendo?

Ela tirou o dedo da penteadeira.

– Eu estava começando quando você chegou.

Apaguei porque ela olhava meu livro.

– O título... me diga o título.

– *Um homem feliz.*

– Isso é um título? É bom?

– Não sei. Tinha acabado de começar.

Isabelle girou os calcanhares, um anel da cortina escorregou no varão. Achei que desaparecia de novo em sua tumba. Ela parou.

– Venha ler em meu quarto.

Saiu, colocando uma distância entre sua pergunta e minha resposta.

– Você virá? É um sim?

– Não sei.

Isabelle<sup>29</sup> saiu de meu cômodo.

Não encontrava meu fôlego nem meus hábitos. Ela achou sua cama, seu vazio. Eu a queria imóvel, deitada enquanto eu saía da minha cama, do meu vazio. Isabelle tinha me visto sob os lençóis até o pescoço. Ela não sabia que eu vestia uma camisola especial, uma camisola com estampa de favos de mel. Eu acreditava que a personalidade transparece por fora, nas roupas diferentes das dos outros. Minha visitante tinha amassado minha roupa de dormir mesmo sem tocá-la, sem nem suspeitar dela. A camisola de musseline de seda deslizou em meu quadril com a doçura de uma teia de aranha. Vesti-me com a camisola de interna, saí do meu cômodo com os punhos serrados nos punhos da roupa do código de vestimenta. A supervisora dormia, e eu hesitava diante da cortina de percal. Entrei.

– Que horas são? Disse com vivacidade.

Detive-me na entrada, apontei a minha lâmpada para o lado da mesa de cabeceira.

– Venha, tem lugar...

Eu não me acostumava com seus longos cabelos soltos, de uma estrangeira que me intimidava. Isabelle olhava as horas.

– Você não vem? Disse ao seu relógio de pulso.

A opulência de seus cabelos caindo nas barras da cabeceira da cama, seu ombro, a mesa de cabeceira, o guardanapo, tudo isso me enfeitiçava. Essa tela cintilante, que escondia um rosto deitado em uma enfermaria me assustava. Desliguei.

Isabelle se levantou, me tirou o livro, a lanterna.

---

<sup>29</sup>N.T.: No texto de partida, a frase seria “elle quitta mon box”, mas gostei da ideia de nomear a personagem nessa saída, que coloca uma distância entre o que ela sente e o que Thérèse ainda não sabia que sentia.

– Venha agora, disse.

Ela se deitou de novo.

De sua cama, apontava a lanterna em minha direção.

Eu avançava. Isabelle fazia cafuné em seus cabelos.

Sentei-me na lateral do colchão. Ela estendeu seu braço por baixo de meu ombro, pegou meu livro na mesa de cabeceira e me entregou. Ela me tranquilizou. Eu o folheava porque ela me olhava, mas não soube em qual página parar. Ela esperava o que eu esperava. Agarrei-me à letra maiúscula da primeira frase.

– Onze horas, ela disse.

Desejávamos o início e o fim das onze badaladas do relógio do internato.

Eu contemplava na primeira página do livro palavras que não via. Ela o tomou, desligou.

Isabelle me puxou de volta, me deitou atravessada no edredom, me levantou, me tomou em seus braços: me tirou de um mundo no qual não tinha vivido para me jogar em um mundo no qual ainda não vivia; seus lábios entreabriram os meus, profanaram os dentes que eu mantinha apertados. A língua muito carnuda me assustou: o sexo estranho não entrou. Eu esperava, ausente e recolhida. Seus lábios passeavam nos meus: pétalas me espanavam. Meu coração batia alto demais e eu queria escutar essa cadência de doçura, essa carícia nova. *Isabelle está me beijando*, dizia a mim mesma. Ela desenhava um círculo em volta da minha boca, circulava o turvo, pousava um beijo fresco em cada canto, depositava duas notas roubadas<sup>30</sup>. Ela voltava, hibernava. Meus olhos estavam arregalados de surpresa sob minhas pálpebras, a reverberação das conchas muito extensa<sup>31</sup>. Continuou: descíamos nó após nó em uma noite para além da noite do internato, da noite da cidade, da noite da garagem dos bondes. Ela fez seu mel em meus lábios, as esfínges adormeceram<sup>32</sup>. Percebi que fui privada

---

<sup>30</sup> N.T.: As *notes piquées* são acentuações musicais que indicam a suspensão entre as frases musicais (*staccato*). Significa que existia um ritmo na ação de Isabelle. *Piqué* em francês também significa roubado. Podem ser duas notas roubadas ou dois *staccatos*.

<sup>31</sup> N.T.: Como Thérèse estudava música no internato, ela recorre frequentemente ao léxico da teoria musical para explicar seus sentimentos. Este trecho pode se referir ao som da nuvem que Thérèse escutou anteriormente.

<sup>32</sup> N.E.: Sabe-se de uma variante manuscrita muito mais detalhada, na qual a autora procurou uma exatidão quase entomologista na evocação da sensação:

“Ela tomou meu livro, minha lamparina, desligou, me deitou de lado em sua cama, me deitou metade em suas pernas. Depois me levantou ainda me mantendo em seus braços. Ela teve um jogo de movimentos ousados comparáveis ao lance de um arco-íris intrépido. Seus lábios abriram os meus sem forçá-los, entraram, permaneceram aventureiros tímidos nos dentes que eu cerrava. Durante esse instante de imobilidade, que nos era pessoal, a terra parava de rodar, os homens deixavam de nascer, de viver, de morrer. O tempo, o espaço, os objetos, a consciência de nós mesmas tinham sido abolidos. Só existíamos em nossos lábios unidos. Existíamos

dela antes de encontrá-la. Ela escutava o que me dava, beijava a névoa em um vidro. Isabelle jogou seu cabelo sob o qual tínhamos feito abrigo.

– Você acha que ela está dormindo? Pergunta.

– A supervisora?

– Ela está dormindo, sim, decidiu Isabelle.

– Sim, está dormindo, disse também.

– Você está tremendo. Tire seu robe, venha.

Ela levantou os lençóis.

– Venha sem a lanterna, disse.

Ela se deitou contra a divisória, em sua cama. Tirei meu roupão, me senti muito nova no carpete de um velho mundo. Era preciso ir logo até ela porque o chão sumia sob meus pés. Deitei-me na borda do colchão; pronta para fugir como um ladrão.

– Você está com frio, chegue mais perto, disse Isabella.

Uma dorminhoca tossiu, tentou nos separar.

Ela já me segurava, eu já tinha sido segurada, já nos atormentávamos, mas o pé jovial que tocava o meu, o tornozelo que roçava o meu nos acalmava. Minha camisola roçava em mim enquanto nos abraçávamos e titubeávamos. Paramos, lembramos do dormitório, escutamos a noite. Isabelle acendeu: queria ver meu rosto. Tomei a lanterna dela. Tomada por uma onda, ela deslizou da cama, subiu de novo, roçou meu rosto, me apertou contra ela. As rosas caíam do cinto que ela colocava em mim. Coloquei nela o mesmo cinto. Mas estava abatida. Não ousava.

– A cama não pode fazer barulho, disse.

Procurei um lugar fresco no travesseiro, como se a cama não gemesse ali; encontrei um travesseiro de cabelos loiros. Isabelle me puxou de novo até ela.

---

ali como sonâmbulas que não dormem. Seus lábios se moveram, deslizaram em meus dentes, misturaram minha saliva com as deles, saíram, começaram um novo beijo. Seus lábios voltavam de novo, tiravam de novo sua carne, saliva, a minha. De sua lentidão nascia uma pintura viva da lentidão e doçura. Em minha boca, uma barca passou, e outra, e mais uma passou. Seus lábios e meus dentes eram rio, barca, cavalos de transporte que avançavam. À medida que as idas e vindas se renovavam, se prolongavam, eu descia, nó após nó, em uma noite nova. Sob esse beijo, sob esses lábios que se serviam do que lhes resistia eu era um sol que aquecia a noite [...].”

Ainda nos abraçávamos, desejávamos nos engolir. Estávamos despidas de nossas famílias, do mundo, do tempo, da claridade. Queria que, agarrada em meu coração escancarado, Isabelle nele entrasse. O amor é uma invenção cansativa. *Isabelle, Thérèse*; eu dizia em pensamento para me acostumar com a mágica simplicidade dos dois nomes.

Ela envolveu meus ombros na delicadeza de um braço, colocou minha mão na fenda entre os seios, no tecido de sua camisola. Encanto de minha mão sob a sua, de minha nuca, dos meus ombros vestidos de seus braços. Mas meu rosto estava só: sentia frio nas pálpebras. Isabelle percebeu. Para me aquecer em todos os lugares, sua língua se impacientava contra meus dentes. Eu me fechava, construía barreiras no interior de minha boca. Ela esperava: foi assim que me ensinou a me abrir, a me libertar. A musa secreta do meu corpo era ela. Sua língua, sua pequena chama, esquentava meu sangue, minha carne. Respondi, provoquei, combati; quis ser mais violenta que ela. O estalar dos lábios, o silvo da saliva não nos dizia mais respeito. Lutamos, mas se na união nos tornávamos lentas, metódicas, a bebida ganhava densidade. Depois de tanto nos beijar, nossos lábios se desuniram apesar de nós. Isabelle se deixou cair em meu ombro.

– Um trem, disse para retomar o fôlego.

Deslizamos em meu ventre. Estou com medo: tenho um polvo no estômago<sup>33</sup>.

Isabelle desenhava com o dedo indicador a forma da minha boca em meus lábios. O dedo caiu de meus lábios para meu pescoço. Eu o buscava, fazia-o passear em meus cílios.

– São seus, eu lhe disse.

Isabelle se calou. Não se mexeu. Se ela dormir, acabou. Ela retomou seus hábitos. Não confio mais nela. Preciso ir. Seu cômodo não é mais meu. Não posso me levantar. Não terminamos. Desconheço tudo, mas ainda não terminamos. Se ela dormir, é um rapto. Isabelle me caça enquanto dorme. Faça ela não dormir, faça com que a noite não crie a noite. Isabelle não está dormindo!

Ela levantou meu braço, se ajeitou nas minhas axilas. Meu quadril empalidecia. Sentia um prazer frio. Não estava acostumada a receber tanto. Ouvia o que ela pegava e o que ela dava, eu piscava por apreço: eu amamentava. Isabelle se jogou em outro lugar. Ela alisava meus cabelos, acariciava a noite em meus cabelos e a noite deslizava pelas minhas

---

<sup>33</sup> N.T.: Leduc recorria frequentemente aos animais marinhos para descrever os sentimentos sentidos por suas personagens. É o caso desta expressão, que se refere à sensação de ter ventosas e tentáculos se agarrando ao seu estômago.

bochechas. Ela parou, criou um entreato. Testa contra testa, escutávamos a turbulência, retornávamos ao silêncio e nos submetíamos a ele.

A carícia é para a excitação o que o crepúsculo é para o relâmpago. Isabelle arrastava um feixe de luz do ombro até o punho, passava com o espelho de cinco dedos em meu pescoço, em minha nuca, em minhas costas. Eu seguia a mão, via sob minhas pálpebras uma nuca, um ombro, um braço que não eram meus. Ela violava minha orelha como tinha violado minha boca com sua boca. O artifício era cínico, a sensação, singular. Eu congelava, duvidava desse refinamento de bestialidade. Isabelle me reencontrou, me pegou pelos cabelos e recomeçou. A pele gelada me surpreendeu, a soberba de Isabelle me acalmou.

Ela se inclinou para fora da cama, abriu a gaveta da mesa de cabeceira. Agarrei sua mão:

– Um cadarço! Para que um cadarço?

– Vou prender meus cabelos. Silêncio, senão vamos ser pegas.

Isabelle fazia o nó, se preparava.

Quem eu esperava tinha seus preparativos. Eu escutava o que é enorme, o que é solitário: o coração. Uma pequena surpresa azulada caiu de seus lábios onde ela tinha me deixado, onde ela me buscava de volta. Abriu o colarinho da minha camisola, verificou com sua testa e com sua bochecha a curva de meu ombro. Eu aceitava as maravilhas que ela imaginava na curva de meu ombro. Ela me dava uma lição de humildade, me assustei. Sou carne e sangue, estou viva. Não sou um ídolo.

– Não tanto, eu suplicava.

Ela fechou o colarinho de minha camisola:

– Sou pesada? Ela disse com doçura.

– Não vá...

Eu queria tomá-la em meus braços, mas não ousava. Os minutos voavam do relógio, Isabelle desenhava com seu dedo um caracol no espaço vazio que temos atrás do lóbulo da orelha. Ela me faz cócegas apesar dela. Era absurdo.

– Mais forte, eu suplicava.

Ela colocou minha cabeça entre suas mãos como se eu tivesse sido decapitada, introduziu sua língua em minha boca. Nos queria ossudas, dilacerantes. Nos desfazíamos com agulha feitas de pedra. O beijo ficou mais devagar em minhas entranhas, desapareceu, correndo quente no mar.

– De novo.

– Por muito tempo.

Quando terminamos de nos beijar, deitamos e, falange contra falange, encarregamos nossos pequenos ossos do que não sabíamos dizer.

Isabelle tossiu, nossos dedos entrelaçados se calaram.

– Se permita ser, ela disse.

Ela beijava as pontas do colarinho, o bordado vermelho da minha camisola, ela talhava a cavidade que temos ao redor do ombro. A mão atenciosa traçava linhas em minhas linhas, curvas em minhas curvas. Eu via sob minhas pálpebras o halo de meu ombro ressuscitado, escutava a luz no carinho.

Eu a parei.

– Deixe-me continuar, diz Isabelle.

A voz se arrastava, a mão afundava nas colchas. Eu sentia a forma do pescoço, do ombro, do braço de Isabelle ao longo do meu pescoço, ao redor do meu ombro, ao longo do meu braço.

Uma flor se abriu em cada poro de minha pele. Peguei seu braço, agradei com um beijo violeta sangrento.

– Você é gentil e boa, eu disse.

– Você disse que sou boa!

– O que posso fazer por você?

A escassez de minhas palavras me desencorajou. As mãos de Isabelle tremiam, ajustavam um corpete de musseline no tecido de minha camisola: as mãos tinham os tremores de avidez dos maníacos.

Ela me ergueu na cama, forçou minha cintura. Isabelle roçava sua bochecha na minha, com a qual contava uma história reconfortante. Irrompeu sua mão em meu busto. Escutávamos os miados de uma gata no pátio principal.

Os dedos de Isabelle se abriram e se fecharam em um botão de margarida, tiraram os seios do limbo e dos rosados. Eu nascia na primavera com o balbucio do lilás sob minha pele.

– Venha, venha de novo, disse.

Isabelle acaricia meu quadril. Minha carne acariciada fazia carícias; o quadril que acariciavam irradiava por minhas pernas drogadas, por meus tornozelos moles. Torturavam-me pouco a pouco em meu ventre.

– Não posso mais.

Esperamos, espiamos as trevas à espreita.

Peguei-a em meus braços, mas não a apertava como queria na cama estreita, mas não a incrustava em mim. Uma garotinha brusca se mexeu:

– Eu quero, eu quero.

Vou querer o que ela quiser se os polvos preguiçosos me deixarem, se esse deslizar de estrelas cadentes nos meus membros parar. Espero por um dilúvio de pedras.

– Volte, volte...

– Você não está me ajudando, diz Isabelle.

A mão avançou sob o tecido. Eu escutava a frescura de sua mão, ela escutava o calor de minha pele. O dedo se aventurou onde as nádegas se tocam. Entrou no ritmo, saiu. Isabelle acaricia as duas nádegas ao mesmo tempo com uma mão. Meus joelhos e meus pés apodreciam.

– É demais. Estou dizendo que é demais.

Isabelle, indiferente, acariciava rápido e por muito tempo.

Me beliscavam, me espionavam. Isabelle caiu sobre mim.

– Você está bem?

– Sim, disse insatisfeita.



Ela escorregou na cama, colocou sua bochecha em meu ventre, escutou sua criança, já que era lá onde meu coração batia. Estendi o braço e encontrei seu rosto, sua boca, seu cabelo longe do meu. Tive um sofrimento silencioso no corpo:

– Volte. Estou sozinha.

– ...

O peso da cabeça que escorregava em minha virilha me assustou.

Ela vinha, me propunha um beijo com seus sábios lábios nos meus.

Isabelle arranhava o tecido da minha púbis, ela entrava, saía, nem entrando nem saindo; balançava minha virilha, seus dedos, o tecido, o tempo.

– Você está bem?

– Sim, Isabelle.

Minha polidez me chocou.

Isabelle perseverou de uma forma diferente com um dedo monótono em um único lábio. Meu corpo absorvia a claridade do dedo como o sal absorve a água.

– Mais tarde, ela disse em meu pescoço.

– Você quer que eu vá agora? Que eu volte para meu cômodo?

– É preciso.

– Você quer que nos separemos?

– Sim<sup>34</sup>.

Houve um longo momento perto do meu coração:

– É muito cedo, vejamos.

– Pense nesta noite, pense nas outras. Você não está cansada agora, mas daqui a pouco estará, diz Isabelle.

---

<sup>34</sup> Esse diálogo foi transformado assim em *A Bastarda*:

– Mais tarde, disse ela em meu pescoço.

– Você quer que eu vá agora?

– Seria melhor.

Levantei-me:

– Você quer que nos separemos?

– Não.”

Eu me levantei, liguei minha lanterna, lambi meus lábios, mas não encontrava o sal dos lábios de Isabelle.

Nos inclinamos em seu relógio, evitávamos nos olhar de novo.

– Preste atenção ao atravessar o corredor.

– Não prestarei.

Saí.

Reencontro-os, objetos abandonados. Minha cama não é mais minha cama. *Vocês me servirão, objetos, senão eu os triturarei em mil pedaços.* Tenho um museu de relíquias no cômodo em frente ao meu. Ela disse “é o suficiente”. Agora é uma noite de barricadas. Seu cheiro me pertence. Perdi seu cheiro. Devolva-me seu cheiro: será que ela está dormindo? Sim, ela está dormindo na tumba que tem em sua cama, ela goza do vazio no travesseiro. Ela me manda de volta: tomou tudo de mim. Não posso descansar no que não existe mais. Jogo minha lanterna, roo as barras de minha cama, mordo o sabão, mastigo a pasta de dentes, me arranho, me puno.

Acendo, apago, acendo, apago. Faço sinal para ela até em seu sono de que estou acordada, de que a espero. Acendo, apago, quero matar sua respiração. Quero revê-la.

Saí do meu cômodo, parei diante de sua cortina, esperava na luz laranja entre meus dedos.

Seu nome, minha devoção.

As alunas e a supervisora se encheram de sombra e ausência. E quanto a mim, estou acordada, sou desconfiada.

– Você está dormindo? Sussurrei pela necessidade de algo superficial.

Palavras retiradas do silêncio e lançadas à escuridão.

Entre em seu cômodo, me aproximei do corpo.

Isabelle, cega, surda conspira, vê um mundo com olhos de sono. A ideia fixa do descanso está atrás da testa da dorminhoca. Inclino-me como um rei mago sobre ela. Tento, mas não ousa acordá-la. Um dorminhoco nunca terminou seu trabalho. Desligo: o silêncio me aperta as têmporas. Acendo: a dorminhoca se estira nas costas, faz ao teto a oferenda de seu rosto, se instala no travesseiro como uma doente que sofre até no sono, arrasta com ela sua

pátria adormecida que não conheceremos. Sentei-me aos pés da cama, no edredom acolchoado que escorrega; a encaro, não a decodifico. Toco minha mão pela estátua que respira direito. Ela está dormindo sem edredom. Vai sentir frio. Não é uma pedra em um pedestal. Me aproximo. Respiro o perfume de jacinto na sua boca de dorminhoca, a levanto, a aperto contra mim até a alegria caprichosa que faz rir. Rio. Isabelle desperta em meus lábios. Que Natal... Assisti tanto esse abrir de pálpebras, desejei tanto meu nascimento em seus olhos.

– Você não tinha ido embora?

– Voltei.

Parece que ela medita. Não. Ela descansa, prolonga sua cura do esquecimento em meus olhos. Fala:

– Você estava me observando?

– O que? Diga rápido.

– Nada. Amanhã...

– Já é amanhã. Diga, diga.

– Nada.

Ela cai de novo no travesseiro. Refrescada, Isabelle se solta de meus braços, de minhas mãos. A indiferente dormirá de novo.

– Não desapareça!

Meu terror a distraiu.

– Volte para minha boca, ela disse.

Ela enfim se mexe, o diz em meus cabelos, perto da orelha e desligo para encontrar o abismo em um beijo.

– Você estava dormindo quando eu estava aqui.

– Estava?

– Enquanto você dormia, estávamos separadas.

Isabelle me escuta com toda sua alma.

- Eu estava infeliz. Você não está dormindo agora?
- Preciso me desculpar. Eu estava com tanto sono. E você? Não dormiu?
- Não. Estava esperando.
- Prometo que não dormirei mais quando você estiver aqui.
- Ah, você promete, digo.

Escondia meu rosto com os braços.

- Você está chorando? Não chore. Se chorar, vão nos pegar, diz Isabelle.
- Nos pegarão, e depois?
- Você não pensa em amanhã à noite?
- Vamos nos livrar. Amanhã estaremos livres.
- Fale mais baixo, ela disse.
- Você não quer. Por quê?
- Porque é impossível.
- Vou embora agora mesmo, disse.

Saí dali.

Isabelle me seguiu pelo corredor:

- Você acredita que poderemos nos abraçar entre dois policiais!

Ela me conduziu de volta para seu cômodo, me enlaçou com novos braços enquanto eu fingia resistir. Era a primeira vez que ela me apertava contra ela em pé.

Escutávamos o redemoinho do astro em nossas entranhas, seguíamos os cata-ventos da escuridão no dormitório.

Acompanhava Isabelle de uma praia envelhecida no inverno, levantei os lençóis, a conduzia:

- É tarde. Durma. Eu estava errada agora há pouco: você precisa dormir.
- Ah não.
- Você está bocejando.

– Chegue mais perto. Quero ver você.

A luz da lanterna machucava seus olhos. A máscara flácida cobriria logo seu rosto.

– Não durma...

– Prometo que não vou dormir.

Espero, a olho. Espero: a aranha tece em minhas entranhas, agarrará meu sexo se não perguntar... o que há para perguntar?

Ela se pergunta quanto tempo vou aguentar com a droga que colocou nos meus olhos. Nossa cumplicidade ricocheteia, faz ondas enquanto meu julgamento silencioso prevê carícias e beijos no futuro. Eu a encaro como olho o mar à noite, quando não o vejo mais.

– Você precisa ir, disse Isabelle.

Levantávamos às seis e meia. As supervisoras arrastavam os anéis nos varões, entravam em nossos cômodos para ver se estávamos de pé. Desfazíamos nossa cama, nos limpávamos com água fria enquanto o colchão esfriava, fazíamos a cama quando estávamos vestidas. Às quinze para as sete, a aluna encarregada abria o armário, tirava a vassoura e a pá, limpava seu cômodo e deixava a vassoura no cômodo da vizinha. Às sete e vinte e cinco, a supervisora examinava as escovas; às sete e vinte e cinco, limpávamos nossas mãos e unhas; às sete e vinte e cinco o sino tocava: nos organizávamos no corredor, descíamos a escada de duas em duas. Às sete e trinta, nos calçávamos na sala de sapatos, às sete e trinta e cinco, nos dispersávamos no hall e nos reagrupávamos como queríamos. Às sete e quarenta, o porteiro dava uma batida. As alunas se organizavam no hall. Íamos até o refeitório, pegávamos os potes de cerâmica nos armários, passávamos manteiga em algumas torradas simétricas. Às dez para as oito, a diretora entrava. Deixávamos o pão com manteiga, ficávamos em sentido. Às oito, a supervisora geral batia palmas. Nos levantávamos da mesa, recolocávamos o pote de cerâmica em nosso armário, empurrávamos nossas cadeiras para baixo da mesa, jogávamos nossas migalhas na cesta e nos organizávamos duas em duas no corredor. Algumas garotas se dirigiam ao seu violino, livros, piano. Dávamos algumas voltas no pátio, nos organizávamos mais uma vez para ir à sala de estudos, pegávamos nossos livros em nossos armários e estudávamos até as oito e meia.

Fiz uma entrada solene no refeitório segunda de manhã com Isabelle à minha direita: avançávamos no grande corredor de um salão de fotógrafos no dia do casamento. Contornei os cestos de flores brancas, me sentei. Ela não estava me seguindo, na verdade. Meu

casamento acabou em um barulho de conversas, no sabor inquietante do falso café com leite adoçado. Eu tinha sido arrancada dela, estava com dor na lateral do corpo. Ela virou as costas para o corredor, recebeu os raios de um sol pálido pelos vitrais. Olhei o vaso na mesa, desejava que fosse uma muralha.

– Quero que você me olhe quando eu a olho. – disse ela nas minhas costas.

Ela levantou a cesta de pão, a pousou no mesmo lugar; saiu com indiferença, com as mãos abrindo o cinto em volta da cintura fina.

Ela passava manteiga nas fatias de pão, colava-as umas às outras, entreabria, olhava, não comia. Inclinou-se, virou a cabeça para o lado de uma aluna que falava com ela.

Conheço o segredo de sua torção pesada, conheço as duas grandes presilhas de cabelo em sua mesa de cabeceira. Meus olhos gritam que eu a olho, que a observo. O chicote de seus longos cabelos soltos a noite passada chicoteia minhas entranhas. De que sou culpada? Me pergunta seu olhar sedutor. Não posso lhe dizer que seu braço a distância cheira como lírios-do-vale; seu cabelo enrolado, como a fornada do meio-dia nas cestas dos padeiros; sua bochecha, como sabugueiros depois da chuva; meus lábios, como sal dos mares da Ilha de Noirmoutier; sua garganta, como o tenebroso perfume da groselha preta.

Entre meus cílios, Isabelle dobra seu guardanapo, envia sua tigela ao diabo. Perguntei à aluna se ela queria que eu fizesse a tarefa por ela. Juntei a louça, comi as migalhas do pão de Isabelle no fundo do cesto e, com uma intenção geral, me alimentei das sobras.

A cadeira deslizou para trás, Isabelle entrava em pânico na mesa, a supervisora geral a socorreu. Algumas alunas se levantaram, ficaram em volta de Isabelle. Eu não tinha o direito de me aproximar: não era mais inocente.

A supervisora lhe acariciava os cabelos, lhe falava na orelha diante das alunas confusas. Achei que fosse repudiada. O que há? cantarolava a supervisora de cabelos ruivos. Duas alunas ajoelhadas lhe acariciavam a mão, tocavam seu seio, se aproximavam de seu coração.

Que ela morra, já que o internato a acaricia!

– Limão embranquece as mãos? – perguntei a minha vizinha de mesa.

Digo o que eu não penso. Que ela não morra. Ela não morrerá. Somos duas imortais. Seria uma afronta se ela morresse.

– Isabelle está sofrendo, eu disse.

– É tudo uma farsa, disse a aluna.

– Isabelle está sofrendo. Cala a boca.

Cortarei as mãos minúsculas que estão em seus ombros. Eu as cortarei.

Isabelle levantou a cabeça. Disse:

– Não sei o que tive.

A supervisora e as alunas se afastam. Me aproximei dela:

– O que você teve?

– Necessidade de você.

As alunas se levantam e se sentaram em seus lugares. Isabelle tocou meu ombro com o dedo. O toque significava: trairei se você trair, tropeçarei se você tropeçar, me consumirei se você se consumir.

Me sentei ao lado dela: meu cotovelo se encaixou em sua mão. Ela esboça uma carícia, as alunas se dispersam. Caminhávamos lentamente ainda, queríamos que o espaço e as distâncias solenes nos separassem. Sim, nos queríamos cerimoniosas no pátio. Ela se distanciou.

Isabelle semeava presenças ao se distanciar, o canto de um pássaro em nosso pátio sem árvores era um desfiladeiro de frescor no início do dia; o canto sugeria as clareiras na saída das cidades; Isabelle se distanciava. Eu queria ser uma pedra, uma pedra cujos olhos são buracos. Acreditei me desfazer dela com meu olhar para o céu, espiava a mudança do monstro deitado no céu: o desfiar, a forma de um esquiador desenhada com um lápis de neve no azul. Uma forma que não tinha visto nascer. O monstro desapareceu enquanto eu o observava, o pássaro se calou, Isabelle desapareceu, o céu alterado no lugar da nuvem pareceu o fundo uniforme de um quadro. Umas garotas davam chutes na poeira. O canto do pássaro recomeçou, acabou em um suave buquê de fogos de artifício, as alunas pegaram Isabelle pelo pescoço, levaram-na para longe. Eu amaldiçoava sua leveza, amaldiçoava minha gravidade. Ela se dispersava em um grupo, em um pátio ensurdecido. Ainda vislumbrava o cabelo enrolado de uma morta ambulante.

## **5 CONCLUSÕES**

Neste trabalho traduzi as primeiras páginas do romance entre Thérèse e Isabelle que foram cortadas da edição de 1966, nas quais as jovens começam a descobrir seus sentimentos e sensações. No Brasil, temos a tradução da edição de 1966, sem essas páginas, mas não a versão integral do livro, publicada apenas em 2000 e ainda sem tradução. Por meio deste trabalho, busquei tornar acessível aos leitores brasileiros a primeira parte do livro, a qual ainda não tinha tradução para o português.

A tradução de *Thérèse et Isabelle* se mostrou um desafio pessoal de várias perspectivas: da própria tradução, sobre quais caminhos tomar, mas também pela busca por respostas, por entender e compreender esse texto que foi marcado por inúmeras intercorrências. Busquei fazer uma ponte entre a tradução e os estudos de gênero e sexualidade, a fim de pensar a prática tradutória pelo viés da interseccionalidade, para marcar essas identidades e seu espaço nos estudos de tradução.

Nas 21 páginas traduzidas neste trabalho, houve termos que pude aproximar da cultura LGBTQIAP+, principalmente quanto à denominação de mulheres lésbicas. Além disso, houve também o desafio de traduzir algumas expressões utilizadas por Leduc, que tinham inspirações principalmente ao léxico da natureza marinha e celeste. As leituras de autores dos Estudos de Tradução me permitiram pensar estratégias tradutórias e, justamente, pela prática apropriar esse espaço que durante tanto tempo nos foi negado.



## REFERÊNCIAS

- BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. O que é cisgênero. Transfeminismo. 23 mar. 2014. Disponível em: <https://transfeminismo.com/o-que-e-cisgenero/>.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**. São Paulo: Pontes, 2007, p. 63-77.
- BAVEYE, Marie-France. **Violette Leduc in translation: between censure, recognition and emancipation**. 2017. 136 f. Dissertação (Maîtrise en traduction) - Faculdade de artes e de ciências, Universidade de Montréal, Montréal, Quebec, 2017. Disponível em: <https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/handle/1866/20195>. Acesso em: 7 out. 2020.
- BEAUVOIR, Simone de. **Lettres à Nelson Algren: un amour transatlantique (1947-1964)**. Tradução de Sylvie Le Bom de Beauvoir. Gallimard, 2018.
- BRANCO, L. C (Org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 235 p. v. 1. ISBN 978852000611-5.
- \_\_\_\_\_. **Sujeitos do sexo/gênero/desejo** In: Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2017/08/butler-problemas-do-gecc82nero.pdf>
- COLLINS, Patricia. O que é a interseccionalidade? In. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo : Boitempo, 2020. Disponível em [http://www.ser.puc-rio.br/2\\_COLLINS.pdf](http://www.ser.puc-rio.br/2_COLLINS.pdf).
- DELUCA, Naná. Em vias de existir: uma leitura de *Le Corps Lesbien*, de Monique Wittig. **Non plus**, 2016, n. 9, p. 67-88. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/110265/121916>. Acesso em: 10 set. 21.
- DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: \_\_. **A escritura e a Diferença**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. Col. Debates. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 407-426.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão: história da violência nas prisões**. 39. ed Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FRANTZ, Anaïs. Pourquoi lire *Thérèse et Isabelle* aujourd'hui ? **Revue Critique de Fixxion Française Contemporaine**, 2016. Disponível em: <http://www.revue-critique-de-fixxion-francaise-contemporaine.org/rcffc/article/view/fx12.23/1046>. Acesso em: 05 nov. 21.
- HALL, Stuart. Estudos Culturais e seu Legado Teórico. In: \_\_. **Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2009. p. 219-240.
- HILL COLLINS, Patrícia. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. In: **Parágrafo**. Dossiê "Comunicação e Desigualdades", v. 5, n. 1. Tradução: Bianca Santana. Jun/Jul 2017.
- LEDUC, Violette. **Teresa e Isabel**. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LEDUC, Violette. **Thérèse et Isabelle: texte intégral**. Paris: Gallimard, 2000. Préface de Carlo Jansiti.
- LEMOS, Andréa. A Editora Brasiliense e a oposição à ditadura civil-militar brasileira. **Revista Crítica Histórica**, Maceió, v. 10, p. 178-193, 1 dez. 2014. Disponível em: <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/214/A%20EDITORIA%20BRASILIANSE%20E%20A%20OPOSIC%3%87%3%83O%20%20C3%80%20DITADURA%20CIVIL-MILITAR%20BRASILEIRA.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- em: <https://www.theguardian.com/books/2012/feb/28/therese-isabelle-violette-leduc-review>. Acesso em: 06 out. 2021.

LORDE, Audre. Usos do erótico, o erótico como poder. In: **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 67-74.

MOLÍNA, Lucía. **Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas árabe-español**. Tese UAB, 2001. Disponível em: <https://www.tdx.cat/handle/10803/5263?show=>. Acesso em: 12 nov. 2021.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania**. Les Online, [Lisboa], v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20169>

PAZ, Octavio. Revolução. Eros. Metaironis. In: \_\_\_\_\_. **Os filhos do Barro**. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosacnaify. Fondo de Cultura Económica, 2013. p. 107-166.

PÉRON, Alison. **Currículo**. Disponível em: <http://www.item.ens.fr/peron/>. Acesso em: 06 out. 2021.

PÉRON, Alison. *Thérèse et Isabelle* de Violette Leduc et le sujet décentré de Wittig. **Sens Public**, [s. l.], 2011. Disponível em:

<https://www.erudit.org/en/journals/sp/2011-sp04811/1063033ar.pdf>. Acesso em: 06 out. 2021.

PEZET, Jacques. L'homosexualité a-t-elle été dépénalisée en 1791 ou en 1982 ? **Liberation**. 16 juin 2018. Disponível em:

[https://www.liberation.fr/checknews/2018/06/18/l-homosexualite-a-t-elle-ete-depenalisee-en-1791-ou-en-1982\\_1660079/](https://www.liberation.fr/checknews/2018/06/18/l-homosexualite-a-t-elle-ete-depenalisee-en-1791-ou-en-1982_1660079/). Acesso em: 03 nov. 21.

PYM, Anthony. Incerteza. In: PYM, Anthony. **Explorando teorias da tradução**. Tradução: Rodrigo Borges de Faveri, Cláudia Borges de Faveri, Juliana Steil. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SAUNDERS, Tanya L. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. In: **Periódicos**. Tradução: Sarah Ryanne Sukerman Sanches. Maio-out 2017, n. 7, p. 102-116. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/download/22275/14304>. Acesso em: 06 out. 2021.

VENUTI, Lawrence. **A formação de identidades culturais**. In: VENUTI, Lawrence. Escândalos da tradução: por uma ética da diferença. Santa Catarina: Edusc, 2002.

WITTIG, Monique. La pensée straight. In: **Questions féministes**, n. 7 (février 1980), p. 45-53. Disponível em:

<https://ptilou42.files.wordpress.com/2016/08/la-pense3a9e-straight.pdf>. Acesso em: 06 out. 2021.

## SITOGRAFIA

<https://www.cnrtl.fr/>

<https://www.pollia.com.br>

<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>